

ALVARO V. DE LEMOS

PRÓFESSOR DA ESCOLA NORMAL DE COIMBRA

A EDUCAÇÃO NOVA  
no Congresso de Locarno

e na reunião da cidade de Genebra  
do Centro Internacional de Educação

SEPARATA DA  
SEARA NOVA



8

LISBOA  
1928

Shj











**A Educação Nova no Congresso de Locarno  
e na reunião da cidade de Genebra do Centro  
Internacional de Educação**





ALVARO V. DE LEMOS, 1881  
1972

# A EDUCAÇÃO NOVA no Congresso de Locarno

e na reunião da cidade de Genebra  
do Centro Internacional de Educação



SEPARATA DA  
SEARA NOVA

GEP  
NÚCLEO DE ANÁLISE  
DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

LISBOA  
1928



37.01

OFERTA

300062

300062

SC  
33163

A EDUCAÇÃO NOVA  
no Congresso de Locarno

e na reunião da cidade de Genebra  
do Centro Internacional de Educação

ESTABELECIDO EM  
1908

mob 409553



# OS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA



*Da esquerda para a direita do leitor: Dr. O. Decroly, P. Bovet, B. Ensor, Dr. Ed. Claparède, P. Geheeb, Dr. Ad. Ferrière*



## O CONGRESSO DE LOCARNO

**F**ALAR, com a precisão devida, de um acontecimento pedagógico, como o Congresso reunido em Locarno, em Agosto último, não é tarefa fácil, pelo menos para quem, como eu, tem um conhecimento imperfeito do inglês e do alemão, línguas em que ali foram feitas muitas conferências, e em que tiveram lugar algumas das mais interessantes discussões.

Tantas também foram as modalidades do problema educativo ali focadas que me não foi possível seguir, nem notar, convenientemente, tudo, a ponto de poder agora satisfazer, como desejaria, tôdas as legítimas curiosidades daqueles para quem escrevo, os poucos que em Portugal ainda vibram sinceramente com estas coisas, e que têm seguido com atenção, desde há anos, a marcha triunfante das novas ideas em matéria educativa.

Êste Locarno dos educadores e das crianças, se trabalhou pelo futuro, pela paz e entendimento entre os homens, como o Locarno dos diplomatas, difere dêle, essencialmente, pelo ar de sinceridade e de espontaneidade que irradiou dos seus trabalhos, desde a sua organização às suas sessões. Foi

mais uma afirmação da força insofismável dos ideais generosos e necessários, mostrando também, claramente, que engrossa dia a dia a falange dos que crêm num mundo melhor, renovado por uma educação verdadeiramente humana, modelada pela ciência, pelo bom-senso e pelo coração.

O espírito do *New Education Fellowship* (Liga pró Educação Nova), e que, se não fôra o actual sentido pejorativo das palavras, bem se poderia traduzir em português por *Confraria ou irmandade de Educação Nova*, é bem o mesmo que animava certas *Guilds* medievais — inteligência, interesses legítimos, coração e solidariedade. Êste espírito está hoje brotando e frutificando em obras práticas e vivas, nos mais longínquos e recônditos lugares do mundo. ; Na incerta vida do presente é uma grande e luminosa esperança em marcha!

Foi em 1889 que o Dr. Reddie fundou, em Inglaterra, o primeiro grande internato de um tipo novo, cortando com a pedagogia tradicional; nem quartel nem convento, e tendo por base a experiência, a actividade física, a liberdade, a vida rústica, o *self-government*, a formação do carácter e a sólida preparação para as realidades da vida. O êxito da sua arrojada emprêsa, atraindo a atenção de profissionais do ensino e dos sábios, foi criando adeptos, discípulos e propagandistas entusiastas. Dez anos depois, a idea atravessara mares e fronteiras e já estava frutificando, principalmente na

Alemanha. Foi nesta altura que, começando a ser estudado e secundado o movimento por distintos psicólogos e pedagogistas de Genebra, o Dr. Ferrière ali fundou o *Centro Internacional das Escolas Novas* (Bureau International des Écoles Nouvelles), com o fim de estabelecer as relações entre as escolas novas existentes, proporcionar-lhes o entreauxílio científico, centralizar tôda a documentação que lhes dissesse respeito, e valorizar tôdas as experiências psicológicas feitas nestes laboratórios vivos da pedagogia do futuro.

De então a 1914, o avanço das sciências psicológicas applicadas à educação foi enorme. O primeiro Congresso de Pedologia, em 1911, em Bruxelas, em que tive a honra de tomar parte, foi a confirmação brilhante do seu triunfo, e marcou, nitidamente, as novas vias por onde a educação tinha de enveredar, para se poder integrar no século actual e na sua verdadeira finalidade.

As escolas novas já atingiam a centena, quando rebentou a grande guerra, que foi não só mortal para muitas delas, como reduziu a uma vida menos activa e sem prosperidade a quási tôdas.

As grandes crises e preocupações do *post guer-rum* só permitiram a primeira reünião internacional dos amigos da Escola Nova em 1921, em Calais. Foi então uma conferência quási familiar, onde se juntou um número restrito de amigos, mas onde já se estudou um interessante tema relativo à psicologia da criança, e principalmente se pen-

sou em reatar os laços, que a guerra afrouxara, entre os educadores da vanguarda, espalhados por todos os países. Desta idea, de unir esforços e boas-vontades, nasceu a *New Education Fellowship* (Liga pró Educação Nova), que, considerando esta reünião como o seu primeiro congresso, se propôs intensificar a acção internacional, aproximando todos quantos pelo mundo trabalham no espírito das Escolas Novas, fixou os princípios a que estas devem obedecer, para serem consideradas como tais, e combinou promover congressos de dois em dois anos, em países diferentes, não só para se trocarem impressões sôbre os resultados das experiências feitas, como para se firmar mais e mais a solidariedade que deve unir aqueles que trabalham por um tão belo e mesmo ideal, como seja a elevação moral e o entendimento entre todos os homens, baseando-se sôbre as realidades de ordem material e psicológica, de que já não é dado abstrair-se nos tempos de hoje, em nenhum trabalho sincero.

A Revista *Educação Social*, nos seus 4 anos de existência, não cessou de se referir, em vários números, a esta simpática actividade das Escolas Novas. Não é, portanto, desconhecido o movimento entre os seus leitores e muito menos o será d'oravante, embora ela esteja suspensa, porque haverá na *SEARA NOVA* uma secção permanente consagrada, especialmente, a tudo quanto lhe diga respeito. A *SEARA* passará, pois, a ser entre nós,



pelo menos provisòriamente, o òrgão do movimento.

A Educação Nova tem o seu corpo de doutrinas e aspirações já perfeitamente definido, e, conseqüentemente, também uma bibliografia já abundante e rica, de revistas e obras científicas, e de relatos de experiências e da prática regular e sentida do ensino, pelos novos métodos, nos diferentes tipos de escolas.

Há, pois, o suficiente para os estudiosos que, com mais profundidade e amplitude, pretendam inteirar-se dos princípios, da vida e dos congressos da Liga, não devendo eu ocupar-me aqui, portanto, dos congressos e trabalhos anteriores senão nas suas ligações com o Congresso de Locarno, de que me propus falar.

A concorrência aos quatro congressos já realizados aumentou sucessivamente, tendo o de Locarno ultrapassado um milhar de inscritos, com uma assistência média de 800 pessoas. Os países menos representados, e que assim mostram, lamentavelmente, a falta de interêsse pelos magnos problemas do futuro, foram, justamente, os latinos, os que quási exclusivamente se alimentam da mentalidade francesa, e que teimam em se fechar às realidades! Os elementos da nova Alemanha, os que repudiam ali os velhos princípios imperialistas e guerristas, tinham no Congresso 200 elementos de valor, desde simples normalistas e professores primários às figuras eminentes na educação e na

sciência, como o Dr. Wilhelm Paulsen e outros, que ali vieram expor as suas teorias e sujeitá-las à discussão. A Inglaterra e os Estados-Unidos tiveram uma representação condigna, e que bem traduz a fôrça e expansão do movimento naqueles países. O que, porém, mais feriu a atenção de todos foi o carinho que pelos trabalhos dêste Congresso manifestaram alguns governos, principalmente os das novas repúblicas nascidas da guerra, ou em activa renovação, como a Tcheco Eslováquia, a Polónia, a Áustria, ou a Turquia, etc., que enviaram missões officiais ao Congresso e facilitaram a participação nêle dos seus professores. Dois ministros de Instrução estrangeiros tomaram parte neste Congresso, não duvidando até o Dr. Gluckel, da Áustria, autor de uma das mais notáveis e arrojadas reformas do ensino, de vir expor as suas ideas, explicar o funcionamento e os resultados práticos da sua reforma, e discutir e responder a tôdas as objecções que desejassem fazer-lhe. Neste ponto para um português seria prolixo fazer paralelos...

Embora, em princípio, os congressos da Liga devam tratar de todos os interêsses da Educação Nova, por uma razão de ordem, e para evitar a demasiada dispersão das ideas e das actividades, tem-se marcado, para cada congresso, um ponto central restrito, para base dos trabalhos e discussões.

Não têm, porém, sido escolhidos temas mera-

mente especulativos, só satisfazendo interesses científicos ou caprichos de pedagogos, mas sim assuntos que possam ter actualidade perante as crises morais e dúvidas em que o mundo se debate, e que sejam, ao mesmo tempo, construtivos de um futuro mais são e harmónico.

Assim, o Congresso de Calais teve para tema *A expressão criadora e natural da criança*, essa expressão que tão pouco se observa e respeita, e que é, não entanto, a sua grande força e uma grande energia a aproveitar e encaminhar.

O 2.º Congresso, em Montereux (Suíça), propôs-se estudar a *Escola activa e o espírito de serviço* (entre-auxílio, mutualidade).

No momento em que o trágico desequilíbrio entre o consumo e a produção enche de apreensões os que pensam no futuro, a escola activa prepara uma nova concepção da vida e do trabalho nas futuras gerações. O espírito de servir o próximo desinteressadamente pode bem ser também o único meio, não diremos de desarmar completamente, mas de abrandar e orientar, sem violência, para o bem, o crescente individualismo moderno.

O 3.º Congresso, em Heidelberg, pedia aos associados da nossa Liga que estudassem como *libertar as energias criadoras da criança* das mil tiranias que as algemam... A criança, a grande mártir da liberdade de todos os tempos, apesar dos carinhos mais ou menos platónicos que o presente século lhe confere, é ainda um ente preso

em correntes doiradas de hipocrisia, de malévolo, ou inconsciente amor...

Para o 4.º Congresso, agora reunido em Locarno, a Liga, sentindo bem a atmosfera ditatorial que oprime a Europa, marcou ainda o assunto *liberdade*, e pergunta simples e sinceramente aos seus membros, vindos dos quatro cantos do mundo, para que não possa haver futuros equívocos entre os que só querem ver claro e proceder conscientemente, na interpretação das diferentes máscaras da tirania: *¿ O que é preciso entender por liberdade em educação ?*

Estes 4 congressos serviram como prólogo necessário, de preparação prévia indispensável, para, sem peias ou discussões estéreis e mal-entendidos, se passar a tratar, exclusivamente, da criança e da educação propriamente dita. Assim, o assunto marcado para o Congresso a realizar na Dinamarca, em 1929, será *Os diferentes tipos psicológicos de crianças*, campo interessantíssimo, vasto e basilar, até hoje tão irregular ou superficialmente tratado!

Na organização material do Congresso muito teriam a aprender os que, entre nós, se vêem envolvidos nesses trabalhos.

Aliava-se ali, à simplicidade, o método, a economia, e uma visível preocupação da máxima eficiência.

As cotas de inscrição para os congressistas dos países de câmbio muito baixo foram não só generosamente reduzidas, mas até, para alguns, anuladas. Prepararam-se alojamentos e pensões para tôdas as bôlsas, desde os grandes hotéis de luxo até às simples camaratas nos internatos das escolas normais de Locarno, bem como um serviço de refeições económicas, no próprio edifício onde se realizava o Congresso.

O presidente do Congresso foi Pierre Bovet, director do Instituto J.-J. Rousseau e do Centro Internacional de Educação, de Genebra. Bovet era secundado pelos *leaders* do movimento da Educação Nova, Dr. Ferrière, M.<sup>elle</sup> Rotten e Mrs. Ensor, Dr. Claparède, Dr. Decroly, etc.

As sessões de abertura e de encerramento do Congresso, bem como as principais conferências, tiveram lugar tôdas as noites, no salão do teatro do "Kursaal", e as sessões dos diferentes grupos de estudo, nas salas e jardins do belo edifício da Escola Normal Feminina.

Estes grupos eram 8 e divididos pelos seguintes assuntos :

- 1.º — Psicologia.
- 2.º — Métodos individuais (progressivos), separados em duas subdivisões, segundo tratavam de crianças abaixo ou acima de 12 anos.
- 3.º — Escolas experimentais.
- 4.º — Coeducação e educação sexual.
- 5.º — O novo ensino da história.

6.º — Os novos caminhos para o ensino artístico.

7.º — Geologia local.

8.º — Grupo geral (para assuntos variados).

Cada um dêstes grupos tinha a sua sala diferente e era presidido por uma personalidade eminente na especialidade. Infelizmente, em razão da exigüidade do tempo e da vastidão da matéria, os grupos funcionavam uns poucos ao mesmo tempo, de modo que, para seguir um assunto, se tinham de perder, com mágua, outros que, igualmente, nos interessavam. É claro que procurei sempre assistir aos que eram tratados em francês; mas, mesmo assim, só muito tarde poderei, pelas revistas e outros relatos do Congresso, inteirar-me, completamente, de tudo quanto ali se tratou. Das grandes conferências realizadas no Kursaal eram, no entanto, postos à venda resumos nas duas outras línguas diferentes daquela em que eram proferidas.

Uma das características dos congressos da Liga tem sido sempre, e neste último o foi com maior intensidade, a nota artística, entremeada, constantemente, nos seus trabalhos. Concertos, audições e dansas abriram ou fecharam algumas das principais reuniões, predispondo assim para o trabalho calmo e raciocínio claro, ou para que uma impressão agradável e elevada nos acompanhasse depois, ao separarmo-nos. Seria esta também uma boa moda a introduzir no nosso país, onde, a despeito da fraca cultura estética, o sentido musical é tão

profundo que nos traria uma desconhecida clareza e brandura às nossas discussões e intransigências.

Além destas reuniões oficiais do Congresso, outras, de pequena duração, eram, por vezes, anunciadas para tratar de variados assuntos, chegando até, nos últimos dias, a formar-se um curioso núcleo, chamado da língua francesa, para defesa amigável contra a absorção da actividade do Congresso pelos anglo-germânicos, que estavam, como já disse, em grande maioria. Tratava-se, simplesmente, de uma questão de língua, pela dificuldade de nos entendermos, e não de espírito de raça, ou de antagonismos de qualquer outra espécie. Os laços espirituais que nos uniam a todos eram demasiado fortes para se abalarem com essas ninharias, de modo que êste separatismo linguístico era, simplesmente, momentâneo, e não criou raízes, nem marcou atitudes.

Outra nota característica dêste Congresso foi o grande número de mulheres que nêle tomaram parte, tratando com notável proficiência dos mais complexos assuntos, e dando assim um desmentido formal aos que afirmam a sua inferioridade mental, e a incompetência para abeirar todos os problemas de ordem social.

Pelo contrário, as subtilezas da sua sensibilidade e o seu espírito analítico e observador tornam-na especialmente apta para ser a insubstituível modeladora da infância, e para estudar e discutir todos os problemas que lhe digam respeito. Neste

Congresso, a mulher instruída estava perfeitamente no seu papel, e muito concorreu para o seu brilho, elevação de sentimentos, e movimentado interêsse.

— Para funcionarem durante o Congresso, estavam anunciadas duas exposições, uma de material didáctico e outra de desenhos de crianças. Realizaram-se ambas nos corredores e nalgumas salas da Escola Normal, e formaram, sem dúvida, uma das partes do Congresso que mais interessaram, não só pelos assuntos, como por *falarem* uma mesma linguagem compreensível para todos nós.

O espaço era demasiado pequeno para as numerosas colecções que se apresentaram, de modo que foi preciso fazer um *roulement* para que tudo pudesse ser exposto. Foi, no entanto, tão pouco o tempo que algumas estiveram expostas que não me foi possível examiná-las tão minuciosamente como mereciam.

A cidade de Locarno foi de uma extrema amabilidade para todos os congressistas (facilidades, iluminações, concêrto pela banda municipal [53 figuras], excursão em combóio eléctrico a Ponte-Brolla, oferecida pelo município, onde, num sítio aprazível, se organizou um concêrto e serviço de bufete absolutamente gratuito). A sociedade Cook preparou bem organizadas excursões pelo lago Maggiore, a Lugano e a Milão. Todos, enfim, se esforçaram, como bons suíços, para que deixásse-



mos a pequena, mas já hoje célebre cidade, com saúde e um profundo sentimento de simpatia.

Sem prejuízo de posteriores artigos, tratando mais largamente alguns dos assuntos que o Congresso abeirou, por agora apenas darei, para não ser demasiado extenso, uma simples nota geral e impressões ligeiras do que mais me feriu a atenção.

Começarei pelas conferências e sessões gerais realizadas no "Kursaal".

Na sessão de abertura, em 3 de Agosto, apresentadas as credenciais e proclamadas as representações dos diferentes países, falou, em primeiro lugar, o *maire* de Locarno, Mr. Rusca, que em nome da cidade saudou os congressistas e agradeceu a escolha de Locarno para ali reünirem. Expressiu-se em italiano, a língua nacional do Tesino, cantão a que pertence Locarno. Discursaram ainda o director da instrução pública do cantão, o Dr. Ferrari, director da Escola Normal de Locarno, e Mr. Kupper, presidente da Associação Suíça dos Professores, e disseram ainda algumas palavras, em nome dos organizadores do Congresso e da Liga pró Educação Nova, Bovet, Rotten, Ensor e Ferrière.

Sucederam-se depois, tôdas as noites, conferências, excepto no dia 9 de Agosto, que foi todo

consagrado a uma excursão de vapor a Isolabella, destinada a uma mais completa confraternização entre todos os congressistas.

As principais conferências oficiais foram as seguintes, pela sua ordem :

*A liberdade : fim ou meio?*, por P. Bovet.

— *Liberdade e limitação*, por Elisabeth Rotten (alemã).

— *A relatividade da Liberdade*, por Beatrice Ensor (inglês).

— *A coragem : como preparar para ela a criança*, pelo Dr. Alired Adler (austriaco).

— *Os métodos individuais nas escolas primárias* (preparação dos professores para as Escolas Novas), pelo Dr. Curson Ryan (americano).

— *O que é o Centro Internacional de Educação*, por M.<sup>elle</sup> Butts (suíça).

— *A unidade da vida* (com projecções luminosas), por Sir Jagadis Bose (indiano).

— *A Liberdade em educação*, pelo Dr. Decroly (belga).

— *A liberdade pela posse de si mesmo*, pelo Dr. Wasbourne, de Winnetka (americano).

— *Elaboração dos programas de outrora e de hoje*, pelo Dr. Rugg (americano).

— *A submissão passiva, ou o selfgovernment*, pelo Dr. Paul Dengler (austriaco).

— *A verdadeira significação da liberdade nas*

*escolas secundárias americanas* (High Schools), por Lucy Wilson (americana).

— *A liberdade do educador*, por W. Paulsen (alemão).

— *O ensino público no Rio de Janeiro* (com projecções), por M.<sup>elle</sup> Lacombe (brasileira).

— *Da necessidade da disciplina e dos meios de a estabelecer*, pelo Dr. Ferrière (suíço).

— *A conservação da infância e a coeducação*, por Marietta Johnson (americana).

Por duas vezes se exhibiu no « Kursal » o còro Bakulê, de Praga (Tcheco-Eslováquia), que veio propositadamente, em homenagem aos congressistas, dar concertos a Locarno e expôr os seus trabalhos. Êste còro, formado por um numeroso grupo de crianças, representa uma das mais belas obras educativas que se têm levado a efeito. Bakulê, simples professor de Praga, dedicou-se a recolher e educar crianças aleijadas e abandonadas, tiradas da rua e dos arredores daquela cidade.

Graças ao ensino musical, à educação e ao trabalho, sustenta hoje um notável instituto. Com os de mais aptidões musicais formou um còro, que canta (dança) canções populares e dos compositores, não só do seu país, mas ainda de países estrangeiros, em 18 línguas diferentes. O còro Bakulê, pela simpatia que desperta a sua obra, pela sua perfeita execução e por motivo das viagens

que tem feito à América, à Alemanha, à Holanda, à Dinamarca, etc., adquiriu já um renome universal e consegue angariar os fundos necessários à manutenção do I. de Praga. Bakulê, perfeitamente integrado nas modernas vias educativas, concebeu o arrojado projecto, a que tenta dar execução, *de uma cruzada de crianças para a conquista... da paz*, e isto sob a forma de uma viagem à volta do mundo!

As viagens até agora feitas obedecem já ao seu plano, e todos lhe ambicionam êxito e prosperidades, não só porque a sua obra está já em princípio de realização, como porque Bakulê tem a envergadura do verdadeiro apóstolo de bondade e energia, capaz das mais belas emprêsas.

A conferência de Bovet sôbre a "*liberdade, fim ou meio?*" foi, particularmente, notável, e estabeleceu, até certo ponto, o sentido da matéria do congresso.

Principiou por dizer que Pestalozzi já há um século abeirara o assunto com inteligência e coração, e que o viu exactamente do mesmo modo que nós o temos de vêr hoje.

Cita a *blague* da *falência da educação*, que acha comparável a essa outra *blague* da *falência da sciência*, em que certos espíritos *snoobs* fingem acreditar.

Parece-lhe vantajoso que nas discussões sôbre liberdade se distingam duas questões:

1.<sup>a</sup> — Relativa ao *fim* em educação.

2.<sup>a</sup> — Relativa aos métodos, aos meios a empregar, para atingir o fim.

A primeira questão considera-a de ordem filosófica e moral; a segunda é de psicologia aplicada (no sentido restrito do termo) e de didáctica. Esta questão não pode ter uma solução objectiva; é o velho argumento relativo aos valores individuais e valores sociais, renovado de século a século, de estado social a estado social, sob formas diversas: emancipação — autoridade; protestantismo — catolicismo; liberalismo — socialismo; anarquia — comunismo.

A propósito, lembra as palavras de Alexandre Vinet: « Eu desejo que o homem seja senhor de si mesmo, para que melhor possa ser o servidor de todos »; e, « para êle se poder dar a si mesmo, é preciso ser-se realmente o possuidor de si mesmo ».

Segundo a sua opinião, « Educação Nova » quer dizer educação que, partindo da própria criança, a encara não como matéria plástica, amorfa, a modelar, mas como uma criatura viva, que se desenvolve através da actividade, tendo dentro de si própria os principios da mesma actividade. E, neste sentido, acha indispensáveis escolas experimentais, classes experimentais.

O que, diz, dará à educação nova o seu valor e alcance não são tanto os seus métodos scientificos, mas o seu espírito de serviço, de amor, de todo o nosso ser, num sentido de beleza e fins sem-

pre elevados. É preciso criar crianças aptas a prestarem serviços, a serem úteis na família, na vida social da sua terra, e na humanidade.

Verifica-se, por outro lado, que se tem obtido, nas experiências feitas, grande resultado com a prática da liberdade; vê-se que a liberdade tem sido um meio muito eficaz para o desenvolvimento das crianças (comunidades de trabalho — Escolas Novas, etc.).

Poderemos comparar a liberdade moral, intelectual ou artística, com a vida física. Antigamente, prendiam-se os movimentos das crianças recém-nascidas, quando, finalmente, se chegou à conclusão, depois de ter martirizado, séculos e séculos, os pobres seres, que, quanto mais livres estão, melhor se fortificam e desenvolvem. No campo espiritual, sucede semelhantemente; as suas actividades espontâneas, traduzidas por brinquedos livres, trazendo-lhes uma satisfação natural, têm especial valor para o seu desenvolvimento. É o método de educação por excelência, dado pela natureza quando só ela opera (Claparède).

Tôda a educação dirigida deve, pois, ser individual e por medida (*sur mesure*), isto é, segundo a psicologia, interêsses e necessidades da criança.

Bovet acaba por concluir que a liberdade não pode ser considerada um fim. Ela completa, favorece a educação. É um meio de educação em todos os meios; e a verdadeira emancipação do indiví-

duo deve ter por fim o amor e o aperfeiçoamento científico e moral.

Seguiram-se, na mesma ocasião, mais duas interessantes conferências : a 1.<sup>a</sup> sôbre a *Liberdade e limitação* (restrição), por M.<sup>lle</sup> Rotten, que analisou a extensão de uma e doutra, sem mutuamente se prejudicarem ; e estabeleceu doutrina sôbre o assunto, muito concisa e bem fundamentada. Na 2.<sup>a</sup>, por M.<sup>me</sup> Ensor, sôbre a *Relatividade da Liberdade*, afirma-se que ainda se não podem considerar generalizadas as leis de Einstein, pelo menos aplicadas à vida espiritual, e portanto educativa. Para fazer alguma luz sôbre o assunto, principia por analisar os diferentes tipos de liberdade — material, emocional, mental e espiritual. Depois, dirige a sua atenção para o professor, para a criança, para a escola ; considera ainda tudo, sob o ponto de vista do *self-government* e das escolas secundárias, e acaba por concluir que a obra da liberdade tem de ser feita pela cooperação do professor, dos pais e da criança smas, no momento presente, a primeira tarefa tem de ser libertar o professor, porque o resto virá como simples consequência.

Alfred Adler, o fundador da escola de psicologia individual, bem conhecido na Europa central como contraditor, até certo ponto, da obra de Freud, e autor de várias obras notáveis, tratou com elevação o tema que se propôs : *A coragem, sua importância na educação da criança.*\* Entre

várias considerações, tendentes a mostrar a dificuldade de definir os fins da educação, destaco a seguinte afirmação: «debaixo do ponto de vista educativo, os factores, religião, nacionalidade e consciência social não são nunca senão meios de achar o caminho para atingir o melhor desenvolvimento possível da criança; se, porém, faltava este objectivo, bem ou mal é preciso relegá-los para um segundo plano». Estuda depois os fins da educação sob três aspectos: 1.º, como devendo o ideal da educação ser universal; 2.º, como devendo impor-se pela necessidade lógica; 3.º, como devendo assegurar a utilidade colectiva. Acaba, enfim, por concluir a importância da educação da coragem, tal como a realiza a psicologia individual, e de um modo consciente, colocando-a sempre no campo da razão. Adler considera a vida como uma função essencialmente construtiva, de onde conclui também que só o homem corajoso poderá dedicar-se plenamente à tarefa que na vida lhe competir.

O Dr. Carson Ryan, na sua conferência, a que deu o título de *Métodos individuais nas escolas primárias e preparação dos professores para as Escolas Novas*, falou, principalmente, da preparação dos professores, dizendo que as escolas normais, mesmo na América, a-pesar-de terem ali abandonado as formas rígidas da disciplina, conservam ainda os seus planos de lições complicados e a mecanização das ideas, estando assim



muito longe de poderem preparar os verdadeiros professores que o futuro exige. Carson afirma que, no seu país, é, porém, ainda nas escolas secundárias que vê mais difícil a introdução do espírito moderno e renovador.

A conferência sôbre o *Centro Internacional de Educação*, por M.<sup>elle</sup> Butts, não foi mais do que a exposição dos fins, funcionamento, acção, dificuldades e possibilidades daquela instituição, a cuja direcção M.<sup>elle</sup> Butts pertence e é um dos mais activos elementos. Na mesma ordem de ideas, falou Bovet, referindo-se também à *Maison des Petits* e à *Escola Internacional*, de Genebra, bem como às relações do Centro com as sociedades nacionais para a Liga das Nações, com os congressos de educação moral e com o último congresso para a paz reunido em Praga, em Abril último.

A *unidade da vida*, sugestivo título que o professor indiano Sir Dr. Bose deu às suas duas conferências, atraiu tôdas as atenções, e foi sempre ouvido com o maior interêsse. Bose, citando as experiências (de que apresenta projecções) realizadas no seu Instituto de Investigação em Calcuttá, compara os fenómenos que se passam nos animais com os das plantas, sob o ponto de vista da sensibilidade. Apresenta gráficos de movimentos, reacções, efeitos de venenos, etc., sôbre várias plantas, recolhidos por aparelhos registradores de sua invenção. Diz que estes autógrafos de planta

- muda nos revelaram a sua vida íntima e as aproximaram de nós. Considerando assim como idênticas as reacções vitais, no homem e na planta, Bose atribui uma grande importância às experiências neste sentido, que pensa poderem, no futuro, concorrer para aliviar muitos sofrimentos na humanidade.

Na sessão seguinte, falou o Dr. Decroly, historiando as suas experiências e fazendo considerações muito interessantes àcerca das Escolas Novas e do ensino oficial. Afirmou que as Escolas Novas, sob o ponto de vista da cultura física e moral, preenchem, cabalmente, tôdas as necessidades; mas têm, incontestavelmente, falhas na parte do ensino propriamente dito. Por um lado, só as frequentam alunos de uma certa idade (idade difícil); por outro, as Universidades, tendo, para se defenderem, de exigir difíceis exames de entrada, tiram liberdade às Escolas Novas para as suas experiências, porque o tempo tem de ser consagrado à preparação intensiva para aqueles exames. O ensino secundário e, conseqüentemente, as Escolas Novas (que são, geralmente, de carácter e grau secundário) estão como que engarrafados. Na escola primária, que é uma espécie de antecâmara preparatória para o ensino secundário e universitário, já a vida da Escola Nova teria mais fácil entrada, o que se não tem, porém, feito, talvez por razões económicas, ou por se não considerar essa escola senão como coisa muito transitória.

É por estes motivos que Decroly chama a sua escola de Bruxelas simplesmente escola experimental—como um meio termo entre a Escola Nova no campo e a Escola Oficial da cidade. Considera os programas oficiais como uma verdadeira salada, uma *mayonnaise* indigesta, e não um prato segundo o gosto dos consumidores, como avisadamente fazem os donos dos restaurantes. Para parar os males que afligem o ensino elementar era preciso reformar a Universidade e a Escola Normal.

O especialismo provém das Universidades; mas, sôb o ponto de vista das crianças, é um êrro terrível. Decroly, tendo feito a experiência dos centros de interêsse, organizou programas muito elásticos e com muita liberdade (programa das ideias associadas). Dirigiu-se aos instintos primitivos; por isso tem sido acusado de demasiado materialista; mas a verdade é que, tanto para as crianças como para os adultos, são as partes materiais da vida que têm uma importância fundamental; e nós, os que podemos pensar em outras coisas, sômos uma minoria; os pobres, os que trabalham para viver (operários), são a grande maioria; para êles teremos de fazer o tipo geral do ensino. Os programas devem ser feitos sôbre as necessidades da criança, estudando os seus meios, fazendo ver que tudo se refere, na maior parte, à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, etc. As outras coisas, como a livraria, os armazens de pianos, etc., são simples detalhes da vida. O

esquema de um programa seria, pois, a criança o centro, e em volta tudo o que lhe pode ser preciso para satisfazer as suas necessidades. Será materialismo, egoísmo? — mas é realidade. O que se torna necessário é discipliná-lo, limar-lhe as arestas. E quem não é capaz dêste egoísmo é um doente, ou um apático, que nunca pode ser útil aos outros. A criança deve principiar por ser um egoísta e transformar-se, pouco a pouco, num egoísta inteligente e bom. Terminou Decroly por afirmar que não há nem deve haver programas únicos mas sim simples directivas. Cada país, cada região, precisam tê-los diferentes.

Falou a seguir Mr. Otelet, director do *Palais Mondial*, de Bruxelas, que deu várias sugestões interessantes, e, entre outras coisas, afirmou que, quando se ambiciona melhor e melhor, se acaba por não fazer nada, servindo isso apenas como pretexto para a preguiça.

*A liberdade pela posse de si mesmo*, foi o título da conferência anunciada pelo dr. Washburne, director das Escolas Winnetka nos E. Unidos. Havia um particular interêsse entre os congressistas em o ouvir, e, realmente, a expectativa não foi desmentida. O autor de "*Écoles Nouvelles dans le Vieux Monde*", que se dirige agora para a Rússia, onde vai estudar, *in loco*, a organização escolar soviética, começou por afirmar que, para que um homem seja verdadeiramente livre, é preciso que tudo quanto o cerca lhe seja bem familiar; e há casos,

como o de uma pessoa em país estrangeiro, que se defronta com limitações à liberdade, que lhe vêm do seu próprio ser (como a ignorância da língua, dos costumes, etc.) e que são mais severas e duras do que as que lhe são impostas do exterior. Semelhantemente se passa com as crianças; e os defensores da liberdade na educação perdem, por vezes, êste facto de vista.

E mais adiante: O desenvolvimento, a evolução, não têm por objecto chegar a um modelo uniforme; mas visam à variedade. Tôda a criança tem direito a ser diferente dos seus companheiros: tem o direito de inovar, de criar, e, para que possa afirmar-se e produzir, é-lhe necessária a liberdade.

As escolas tradicionais, em todo o mundo, limitam-se, geralmente, a tentar inculcar às crianças factos, e uma certa habilidade nas contas e na redacção, o que é não só um trabalho deficiente e estéril, mas que representa uma perda de tempo. Do mesmo modo, certas Escolas Novas, por opposição à tradição, deixam demais ao acaso a instrução e o desenvolvimento da habilidade, e exageram a importância dada à afirmação livre da individualidade da criança.

Ambas estas espécies de educação são defeituosas.

Para achar um meio termo razoável, Washburne reclama uma nova organização dos programas de estudos e dos métodos de ensino, e explica como, nas Escolas Winnetka, se deu lugar, nos horários,

ao trabalho livre, sem sacrificar o trabalho sério e profundo, introduzindo nos períodos de tempo disponíveis uma grande variedade de actividades; actividades que não têm outro fim senão estimular no indivíduo o desejo da criação pessoal e de desenvolver nêle o sentido social.

Uma sociedade que fôsse composta de indivíduos perfeitamente desenvolvidos, que afirmassem a sua individualidade, mas que não tivessem cultivado em si a consciência social, seria centrífuga e caótica.

Liberdade, diz, não é sinónimo de licença.

Dando a cada criança, individualmente, a posse dos conhecimentos e a habilidade prática que lhe serão necessários para desempenhar o seu papel na organização social de hoje, desenvolvendo nela o sentido profundo da sua unidade com os seus camaradas, e animando-a a criar, a dar à sociedade a sua contribuição de esforço particular e pessoal, diferente da dos outros, damos-lhe a verdadeira liberdade.

— Na lista das conferências oficiais do congresso, estava ainda anunciada uma outra do Dr. Decroly, sôbre a *Liberdade na educação*. Apesar de termos de reduzir esta notícia sôbre o congresso de Locarno, para o espaço de que a *Educação Social* (\*) pode dispôr, não podemos tur-

(\*) Êste artigo destinava-se à revista «Educação Social», que terminou a sua publicação em Outubro de 1927.

tar-nos a registrar algumas palavras do eminente pedagogista e educador, que tem a grande autoridade de ser, ao mesmo tempo, um homem de ciência e um inovador, mais prático do que teórico. Principiou por declarar que o problema da liberdade, em geral, era um problema crítico, um problema trágico. Na criança, êsse problema é também complicado; mas por ela é que se há de resolver o dos adultos, quando essas crianças, bem preparadas, fôrem homens. Quando se fala em liberdade, tôda a gente pensa logo na licenciosa, na liberdade de fazer o mal... Mas por que não pensar na liberdade de fazer o bem? Tem, por vezes, e para muitos, uma significação unilateral a palavra liberdade. Existe, por vezes, um conflito entre os interêsses do meio e os do indivíduo.

A liberdade tem de variar com as crianças, com as suas idades e com o seu estado físico. — Há mais causas de indisciplina entre os rapazes do que entre as raparigas. A disciplina na Escola varia também muito, segundo a educação que cada um já teve ocasião de fazer com aquilo que o cerca.

Há crianças que, quando estão sós, podem ter tôda a liberdade; mas, em grupo, já nelas se não pode ter confiança.

Apresenta a seguir vários casos estudados sôbre crianças de 6 anos — sôbre as capacidades de disciplina de cada uma (desde aquelas em que se pode ter confiança absoluta, até àquelas que pre

cisam ser constantemente vigiadas, e umas e outras consideradas sós ou em grupo). — Umas têm qualidades e capacidade de disciplina, quando se trata de ocupações intelectuais e abstractas. Há ainda a considerar as crianças apáticas, que não manifestam interêsse por coisa alguma.

Estudando crianças de 12 anos, constata casos semelhantes e outros, que bem mostram a pequena influência da escola (a sua falência até certo ponto) sôbre o modificar as crianças (as suas taras, etc.).

De tudo conclui Decroly que se trata de um problema muito complexo.

O dar demasiada liberdade, ou o reprimir de mais, sem estudar bem cada criança, pode produzir os piores resultados. É preciso que os professores aprendam a conhecer, a examinar e observar as crianças; e isso é mais importante do que a matemática e as sciências, que já se encontram admiravelmente expostas e coordenadas nos livros, ao passo que êsse estudo da criança muitas vezes não chega, mesmo com muito trabalho, a fazer-se perfeita e completamente. Cita em refôrço da sua, as opiniões e os trabalhos de Montessori, Hellen Key, Wagner e Foerster, que se exprimiu com graça e precisão, quando disse " que os professores se deviam meter na pele dos seus alunos ".

O problema é, pois, diz, quási um problema individual, conclusão a que, de resto, tem chegado



a maior parte dos grandes educadores ; e êsse problema só se pode tornar mais fácil quando melhor se estudarem as crianças.

Decroly acabou por frisar os seguintes pontos a fixar como *desiderata* :

1.º — Organizar o meio para melhor poder satisfazer as necessidades da criança.

2.º — Preparar os professores, de modo que saibam tirar partido dos estímulos educativos.

3.º — Escolher os professores que, de preferência, devem operar.

4.º — Cultivar na criança as tendências activas e sociais.

5.º — Organizar *tests* escolares.

6.º — Como o meio escolar põe mais restrições à liberdade do que o familiar, seria conveniente que já em família se fôsse preparando a criança nêsse sentido.

7.º — Preparar as crianças para saberem utilizar a liberdade é a melhor garantia para o futuro da vida social de uma nação.

O Dr. Paul Dengler, director do Instituto *Austro-Americano de Educação*, de Viena, tinha para assunto da sua conferência — “ *Submissão passiva ou self-government* ”. Nela relata uma experiência de educação individual e social, e chamou, principalmente, a atenção para o facto dos estudos de psicologia experimental aproveitarem, sobretudo,

às crianças mais pequenas e aos alunos da escola elementar, sendo ainda deficientíssimo êsse estudo aplicado aos adolescentes de 12 a 16 ou 18 anos, idades em que ela é bem mais difícil de compreender. As escolas experimentais, as Escolas Novas, são ainda pouco numerosas, e o ensino official secundário quási se não ocupa ainda dessas coisas. No entanto os anos da escola secundária são os mais decisivos para a formação do carácter e para a determinação e fixação do lugar a ocupar na sociedade. A Universidade é o único centro de especialização, onde os estudantes quási se não conhecem uns aos outros.

Conclui Dengler que o grande problema a resolver, mas de uma maneira prática, em lugar de nos contentarmos com simples discussões, é a transformação da *escola secundária*, se pensarmos, sèriamente, em edificar uma educação nova, para um mundo novo que se renova constantemente. Esta transformação visaria, principalmente, a adaptação dos programas às condições da vida moderna e o abandono dos fracos compromissos com a tradição.—Haveria mudança de métodos tanto quanto possível, tendente a despertar e desenvolver as potências activas (o material está ligado à própria vida; a atmosfera é a da actividade espontânea), em lugar de armazenar conhecimentos mortos, que rápidamente se esquecem.

Ainda mais importante, diz, que a reforma dos

programas e dos métodos é a mudança interna do espírito da escola. A formação do carácter deve ser o seu fim bem definido. Os alunos, os professores e os pais, reunidos numa única comunidade, devem cooperar, igualmente, para atingir êste fim — o desenvolvimento de personalidades livres. Descreve, em seguida, as experiências feitas na sua escola, sendo interessante o modo como as crianças ali vão adquirindo uma liberdade cada vez maior, e como se mantém o contacto com os pais dos alunos.

Na conferência sôbre a *Verdadeira significação da liberdade nas escolas secundárias americanas (High-Schools)*, explica M.<sup>me</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucy Wilson, directora de uma escola secundária de Filadélfia, quanto é difícil generalizar sôbre as escolas americanas do Estado, afirmando que na constituição dos E. U. nem sequer se fala de instrução, e os ditterentes Estados da Confederação têm, sôbre o assunto, as leis e usos mais variados. Nos Estados-Unidos, como, afirma, não sucede em mais parte alguma do mundo, além do ensino primário, há, pelo menos, 4 anos suplementares de ensino secundário, também absolutamente gratuitos, inclusivé os livros. Êste sistema leva à escola secundária tudo, bom e mau, de modo que não só embaraça o funcionamento pela demasiada acumulação de alunos, como obriga a baixar o nível do ensino. Por esta razão, o professorado americano considera melhor o sistema que hoje vê quási geral

nas novas repúblicas europeias, pelo qual só se concede a instrução secundária gratuita às crianças particularmente dotadas. Atribui às diversas e tumultuosas experiências na difícil conquista das fronteiras físicas e psíquicas a fixação de uma *filosofia americana de educação*, que consiste no seguinte: *O Estado tem o dever de oferecer a tôdas as crianças probabilidades iguais de triunfo*, isto é, em qualidade e quantidade, tôda a educação que ela pode assimilar: instrução primária obrigatória, instrução secundária e gratuita para todos, instrução universitária para todos.

Para obviarem às dificuldades do número excessivo de alunos, empregam um sistema de *roulement*; mas a tendência geral é fazerem-se seleções. M.<sup>me</sup> Wilson descreve o funcionamento da sua escola, freqüentada por 2:000 estudantes, representando cêrca de 26 nações diferentes (pois são na maior parte *americanas*, de uma geração). 75 % dentre elas falam uma língua, diferente do inglês, em suas casas. A-pesar-de entrarem por altura dos 14 anos, os seus níveis mentais variam de 9 a 18 anos, e, o que é pior, as mais jôvens sob o ponto de vista mental são muitas vezes as mais idosas, cronològicamente falando, ou vice-versa. As dificuldades que resultam destas diversidades são enormes.

Os princípios que guiam a sua escola são:

1) trabalho individual mas numa ambiência social.

2) liberdade, mas com responsabilidade.

Verificou que o que fez em cada uma das suas alunas uma verdadeira mulher fôra o judicioso emprêgo do Plano Dalton (a liberdade e a responsabilidade), e concorda em absoluto com o que disse John Dewey: "O que os melhores pais e mais sabedores desejarem para o seu filho deve ser o desejo da comunidade para todos os seus filhos. Todo o ideal diferente dêste, para as nossas escolas, é estreito, sem beleza e destrói a nossa democracia".

Do que disse Wilhelm Paulsen, na sua conferência a *Liberdade do educador*, temos a salientar a importância que deu ao *problema do educador*.

Depois de examinar os diferentes problemas, ou os diferentes aspectos em que se pode encarar o problema educativo, como sejam o problema geral, o problema individual, o social, o prático e o pedagógico, cada um já de si importantíssimo, Paulsen declara que todos se apagam diante do problema do educador e da eliminação do elemento subjectivo na educação. Por enquanto, a liberdade do mestre não tem sido senão illusória, porque êle é, geralmente, escravo de uma idea que lhe foi imposta pela fôrça. Mas amanhã, homem livre entre os homens livres, ser humano, temperamento, artista, economista, será, certamente, não o primeiro, mas o mais precioso membro da nova sociedade, mediador e cooperador na forma-

ção da sua vida, guia e representante do seu desenvolvimento.

Por isso menos *educação especial* para os mestres; mas escolhamo-los de entre tôdas as occupa-ções mais laboriosas e mais liberais da sociedade humana. Conclui, dizendo que todos os *desiderata* que expôs não dependem em nada de condições regionais ou nacionais. As leis da vida e do crescimento de tôdas as criaturas (incluindo nelas a humanidade) são por tôda a parte as mesmas. O problema pedagógico do futuro tem, pois, um valor internacional, pertence a todos os homens e a todos os povos do mundo.

Paulsen relatou ainda algumas experiências feitas em Berlim sob os princípios que expôs.

Antes de passarmos a falar de outra conferência, parece-nos conveniente não deixar de exarar aqui o que Paulsen considera, pròpriamente, o *problema pedagógico*: "Eliminar tôda a espécie de educação baseada sôbre o dogma ou sôbre uma simples teoria, e tornar tão objectiva quanto possível a influência educativa do meio em que a criança vive. A cooperação, o sistema económico, a oficina, os livros, a natureza, são estimulantes que a personalidade de um professor, o que é muito, não basta para compensar."

A conferência sôbre o ensino público no Rio de Janeiro, por M.<sup>elle</sup> Lacombe, foi bastante interessante, e elucidou o Congresso sôbre os progressos reais e palpáveis que, em matéria educativa, e

principalmente sôbre higiene escolar, se têm realizado no grande país do futuro, que é o Brasil. A conferência da ilustre professora brasileira foi, a bem dizer, a explicação do esplêndido filme, que apresentou, de uma viagem através das escolas e da capital federal. O filme, que foi feito por iniciativa do antigo director geral do ensino, bem conhecido dos educadores de língua portuguesa, o Dr. Carneiro Leão, é, realmente, um notável documento e um belo elemento de propaganda, digno de ser imitado por todos os países. Os dísticos do filme estão escritos em português; vive-se nêles um certo ar de vida portuguesa e de gente que nos é próxima. Seria uma coisa linda, útil e bem viável, fazer vir até nós êsse filme; corrê-lo pelos *écrans* das nossas cidades e províncias, e fazer verdadeiramente conhecer o que é o Brasil moderno, de que tantos falam entre nós, e que não sabem compreender. Estreitar-se-iam assim os laços por via espiritual e do sentimento, que são bem mais fortes e duráveis do que os resultantes de interêsses materiais, ou de rançosas retóricas com que até hoje nos temos contentado. O filme foi emprestado para uma *tournee* na Bulgária; está de volta a Paris em Outubro, seguindo depois, aos cuidados de M.<sup>elle</sup> Lacombe, para o Brasil.

Para terminar os resumos das principais conferências oficiais do Congresso, como o assunto é palpitante para nós portugueses, referir-me hei

ainda ao que Mrs. Marietta Johnson, directora da Escola de Educação de Fairhope (Alabama), disse sobre a *Conservação da infância e a coeducação*.

Começa por dizer que aos olhos de muita gente a infância não é senão um período de preparação para a vida adulta, o que é um ponto de vista erróneo; a infância existe em si; tem uma razão de ser, um fim, impulsões que lhe são próprias, e que deveriam ser tanto mais respeitadas, quanto elas correspondem a um grau especial do desenvolvimento do ser humano.

Crescer é o trabalho essencial da criança, e isso exige da nossa parte a maior solicitude. Considerando que até aos 15 anos correm os mais importantes e preciosos anos do crescimento, que determinam o resto da existência, conclui que é preciso não sobrecarregar nem pear demasiado a criança, mas autorizá-la a viver a sua vida.

Além disto, sendo o homem um ser essencialmente espiritual, é o poder espiritual que nos devemos esforçar por desenvolver na criança. Os caprichos e os desejos egoístas da criança cederão bem mais facilmente diante das exigências inerentes ao trabalho que ela própria escolheu, do que às solicitações exteriores, ou a imposições dos adultos. Desta maneira, a criança descobre uma espécie de disciplina impessoal, imanente, a única verdadeira, a única que conduz à autêntica liberdade, a do espírito. Desta liberdade provém, naturalmente, a sinceridade, sem a qual não pode



existir nem progresso, nem crescimento. Tudo quanto tende, por consequência, a diminuir a sinceridade — os exames, os concursos, os prêmios, as boas ou más notas — não somente destroi a verdadeira, liberdade mas prejudica, por vezes, a saúde.

Sendo o homem um ser eminentemente social, conclui, pelo valor e necessidade da coeducação, com os argumentos correntes em todo o mundo pedagógico, mas que sinto desnecessário agora repetir mais uma vez no meio português, para não ser mais extenso nem prolixo, nem perturbar a orgia moralizadeira que por aí vai.

Termina Mrs. Johnson a sua conferência por afirmar que a sociedade deve à juventude uma direcção, instrução, e uma inspiração, durante os anos do seu crescimento, e que a pergunta a fazer-lhe não é: "Que sabeis vós?", mas "De que tendes vós necessidade?", a-fim-de que se possam fornecer à criança as condições favoráveis ao seu crescimento, embora os detalhes dos resultados possam ser deixados a essa coisa misteriosa que se chama a "vida".

Não foi certamente a parte mais importante do Congresso de Locarno o conjunto, embora brilhante, de conferências que acabo de resumir: a sua vida mais intensa e, porventura mais produtiva, não só em resultados práticos como de troca

de impressões e estreitamento de relações, foi o trabalho dos diferentes grupos que enumerei.

Como já disse, foi-me absolutamente impossível seguir e mesmo tomar conhecimento de tudo quanto se passou em todos os grupos. Tomei, no entanto, muitas notas, não perdi um momento, procurando assistir ao que me pareceu mais interessante, ou era tratado em língua compreensível para mim; mas só poderei dispor de documentação necessária para fazer uma idea mais completa do trabalho do Congresso depois de estar de posse dos relatórios que devem aparecer nas diferentes revistas oficiais da nossa Liga, e nas que aderiram aos seus princípios. Na secção da *Seara* destinada à Educação Nova se irá publicando, em números sucessivos, o que se vir que é de mais interesse para o nosso meio.

Para encerrar, por hoje, o artigo sôbre o Congresso de Locarno, que já vai mais do que longo, apenas me referirei à representação que Portugal ali teve, deficiente por uma parte, mas condigna por outra. Como simples particular e associado desde o início da Liga me inscrevi no Congresso; mas a honrosa representação de que fui, posteriormente, encarregado, por parte da Liga de Acção Educativa, da Universidade Popular Portuguesa e da *Educação Social*, obrigaram-me a ter de expor, numa das sessões dos grupos,

o que em Portugal se tem feito no sentido e no espírito da Educação Nova. Organizei um pequeno esquema do movimento renovador educativo nacional, desde 1834 ao presente, passando por Castilho, D. António da Costa, Adolfo Coelho, Liga Nacional de Instrução, Escola Oficina, etc., desenvolvendo o melhor que me foi possível o que marca a nossa actividade neste campo. Falei cêrca de uma hora, e muitas coisas ficaram por dizer, porque o tempo era restrito. Notei um certo interêsse da parte dos que me escutavam, não, por certo, pela minha têsca exposição, mas pela nossa gente e pela vida do nosso país, que, pelo seu passado e carâcter especial, desperta sempre curiosidade, quando, detalhadamente, se fala dêle no estrangeiro.

A parte, porém, da nossa representação, que verdadeiramente nos honrou, e que eu tive o prazer de ali levar e ver justamente apreciada, foi a exposição dos trabalhos da aula de desenho da Escola Normal de Coimbra, que, pela originalidade que representam, e pelo carâcter de investigação de um novo caminho para o ensino do desenho decorativo na escola popular portuguesa, são, realmente, alguma coisa que merece um estudo especial, que prometo para um futuro próximo, e é um assunto que precisa ser divulgado, assim como é preciso proclamar o seu iniciador e orientador, o professor Dr. Afonso Duarte, como um inovador arrojado e feliz pelos resultados obtidos, que são

uma grande esperança no combate à rotina, e à preguiça estética das nossas escolas.

Das exposições de desenhos e material didáctico muitíssimo haveria a dizer, o que, se houver lugar, mais tarde se fará; mas espero, no entanto, que algum catálogo delas apareça, pois os meus apontamentos, a-pesar do esforço que empreguei, são muito deficientes. Uma das coisas que mais nos atraíam a todos era a exposição bibliográfica, que a Livraria Lang, de Berne, ali organizou, com tudo quanto podia ter um traço de Educação Nova. Era uma grande tentação, principalmente com as belíssimas edições inglesas e alemãs. Livros escolares, livros de arte, literatura e filosofia, etc., com todos os nomes conhecidos no movimento renovador: Lombardo-Radice, Cizek, Descœudres, Gabrielli, Ferrière, Claparède, Ivanoff, Montessori, etc., etc.; mas com o grande defeito de terem as lombadas marcadas em francos suíços, o que representa preço atualmente proibitivo para bôlsas portuguesas!...

A última sessão de encerramento e despedida do Congresso foi uma tocante scena de solidariedade espiritual, das que não podem esquecer-se facilmente. Fizeram-se afirmações, cantaram-se hinos e canções populares; houve danças, música, recitações alegres e humorísticas, e, sobretudo, muito entusiasmo e beleza. Como remate, todos entoaram, em côro, as afirmações do nosso ideal,

de mãos dadas e braços enlaçados, numa corrente familiar, a mesma em que ambicionamos envolver o mundo inteiro, unindo os corações e os cérebros de tôdas as raças, para edificarmos o mundo de amanhã, mais sereno e humano.

Como a *Liga de Acção Educativa* me incumbiu de a representar na *Assemblea Geral do Centro Internacional de Educação de Genebra*, que se reünia a seguir ao Congresso de Locarno, dirigi-me depois para aquela cidade, aproveitando, de caminho, o tempo para visitar a Escola Nova de La Pelouse, em Bex (Vaud), de que apenas vi as instalações e troquei impressões com parte do seu pessoal educador, porque não estava funcionando, e só duas alunas ali se encontravam, por motivo de serem férias. Visitei, igualmente, as Escolas Novas de Chataignerais, em Coppet, e a de Chaily, em Lausanne.

As sessões da Assembleia Geral do Centro Internacional de Educação (Bureau International d'Education) tiveram lugar no edifício onde está instalado o Instituto João Jacques Rousseau, e foram dois dias de trabalho intensivo, apenas cortados pelas horas das refeições e descanso, ou pelas apreciáveis *causeries*, entre os diferentes representantes, à hora do chá, e que gostosamente se estiravam na troca livre de impressões, que a regularidade obrigada das sessões não permitia tão facilmente.

Nos trabalhos desta primeira assemblea geral do *Centro Internacional de Educação*, tomaram parte 53 pessoas, representando 21 países diferentes.

Em quatro sessões cheias, foram versados, não só os assuntos que mais interessavam à vida desta agremiação, como a sucessão, que ela aceitou, do Centro Internacional de Educação Moral de Haia.

Desde uma mais completa definição dos seus fins e modos de acção, para fixar os seus estatutos, até ao seu estado financeiro e actividade desenvolvida, tratou-se de discutir e prover às principais dificuldades que se têm apresentado durante os laboriosos e fecundos 18 meses de existência do C. I. E., bem como de traçar as linhas gerais do trabalho futuro dêste organismo destinado a desempenhar um grande papel, não só sob o ponto de vista pedagógico, mas como um agente eficaz de solidariedade internacional.

Principiou-se por afirmar que já se tratava também da educação (principalmente profissional) no *Centro Internacional do Trabalho*, mas que isso não invalidava, nem tornava dispensável o nosso esforço, pois são sempre necessárias as organizações particulares, para poderem trabalhar mais livremente, fora dos moldes diplomáticos e dos enviados oficiais dos governos.

Embora não dependente da *Sociedade das Na-*

ções, como o C. I. T., uma das missões que se *impõe* o C. I. E., é expandir também o espírito da S. N. Discutiu-se depois a constituição do conselho administrativo, e ponderaram-se as vantagens que havia de para êle serem escolhidos os estrangeiros residentes em Genebra e que estivessem em relação com as respectivas organizações dos seus países, bem como pessoas como Otelet, Decroly, Katsaroff ou Ioteyko, embora não residentes na Suíça. Fez-se, porém, a reeleição do conselho actual, juntando-lhe apenas mais 3 membros, combinando reservar-se os 6 lugares restantes para associados chineses, australianos e da África do Sul, etc., países com que há mais dificuldade de entrar em contacto.

Estudou-se, seguidamente, com cuidado, a parte económica, e verificou-se que era indispensável angariar fundos para prover às despesas, sob pena de se inutilizar todo o esforço realizado e comprometer a acção futura. Vários alvitres foram apresentados, e que se resolveu tentar. Entre outros, lembrou o Dr. Gidionescu, da Roménia, que se fizesse a propaganda do C. I. E., por todos os meios, por correspondência de escolas e professores, com os alunos das Escolas Normais, etc., partindo êsse esforço de todos os associados. Propôs-se também, e foi aceita em princípio, a publicação de um boletim com tôdas as informações do C. I. E., que auxiliasse a sua expansão e desse conta de todos os

*congressos e trabalhos* que, pelo mundo, estejam no espírito do C. I. E. (conclusões, bibliografia etc.)

Tratando-se das diferentes secções nacionais, verificou-se que, geralmente, são pouco activas, excepto as da Polónia, Tcheco-Slováquia e México. É dêste último país que tem vindo a mais completa documentação. Não se esboça ali o mais pequeno gesto sôbre educação e instrução que não seja comunicado ao C. I. E.

Conclui-se, por fim, que cada país deveria ter o seu modesto *centro nacional de educação*, para recolher, centralizar e valorizar ali o que, em matéria educativa, a cada país dissesse respeito. É, pois, uma missão do C. I. E. estimular a criação dêstes novos organismos auxiliares, absolutamente necessários para um trabalho mais perfeito e completo.

Está já em organização um centro dêste género em Paris, com o título de *Bureau Français d'Education*, e que começará a funcionar em Novembro próximo, na rua Denfert-Rochereau, 77 Paris (xiv).

Segundo o prospecto que tenho presente, êste Centro propõe-se: «centralizar os documentos e informações próprias a divulgar, no grande público francês, as ideas novas em educação e os resultados das experiências no mesmo sentido tentadas em todos os países, bem como estabelecer uma ligação entre os grupos e elementos iso-



lados que procuram a renovação dos processos educativos.

O centro dará informes sôbre a educação em França e, em particular, sôbre as novas experiências. Fará conhecer aos pais os diferentes centros de educação, de consulta psico-pedagógica e de orientação profissional. Exporá, de uma maneira permanente, o material auto-educativo, bem como os mais notáveis trabalhos de arte infantil. Organizará conferências sôbre os problemas mais urgentes e palpitantes de educação. Convida a entrarem em contacto com os educadores franceses os educadores estrangeiros de passagem em Paris.

O *Centro Francês de Educação* ficará muito reconhecido a quem quiser ter a amabilidade de lhe enviar para a sede todos os documentos e informações que lhe facilitem a missão. »

Foi também na assemblea chamada a atenção para o problema bilingue, que nalguns países (mòrmente depois da guerra) toma um aspecto verdadeiramente grave.

Tratou-se depois do Congresso de Educação Moral de 1930, e das vantagens de se começar a estudar o assunto, e talvez transformar em permanentes as comissões nacionais que têm organizado os congressos anteriores. Incumbem êsses trabalhos, em parte, ao C. I. E. de Genebra, por ter ficado sucessor do Centro Internacional de

Educação Moral de Haia, que promoveu os anteriores congressos.

Como em alguns ministérios de instrução há secções encarregadas das relações pedagógicas internacionais, seria para propôr aos respectivos governos que parte dêses serviços fôsem feitos pelo C. I. E., o que resultaria, não só mais económico, mas talvez mais eficaz.

Numa das sessões, cada um dos representantes foi convidado a dar conta das organizações que representava e a expôr o que, a respeito da actividade do seu respectivo país, podia interessar o C. I. E. — Foi nesta altura que me desempenhei das missões de que fôra encarregado pela « Liga de Acção Educativa », « Universidade Popular Portuguesa » e revista « Educação Social », apresentando um resumo dos seus trabalhos e resultados obtidos.

Tentou-se também definir as relações com diferentes organismos, como o *Instituto de Cooperação Intelectual de Paris*, com a *Federação de S. Francisco* e com a *Federação de Toronto*.

O secretário do C. I. E., o jovem João Luís Claparède, filho do eminente psicólogo universalmente conhecido, o Dr. Eduardo Claparède, deu conta da sua missão no congresso de Bibliografia de Bruxelas, no Palais Mondial. Levantou-se discussão sôbre a vantagem ou inconveniente de se estarem fazendo trabalhos, em parte equivalentes, em Bruxelas e Genebra, acabando por se

definir a missão que se propõe cada um dos dois organismos paralelos, pela seguinte afirmação: A ambição do C. I. E. é uma ambição pedagógica, ao passo que a ambição de Otelet, no Palácio Mundial, é uma ambição bibliográfica.

Considera-se a grande acumulação de consultas, para que não há tempo, nem pessoal, para poder responder, o abundante material que começa a afluir ao C. I. E., e dentro em pouco não haverá lugar onde o guardar, nem quem o possa classificar, e, portanto, tornar utilizável. Só de revistas se receberam cêrca de 200. Alvitra-se a idea de que cada C. Nacional forme depois a sua biblioteca, e mande para o C. I. E. simplesmente fichas do que possui.

Propôs-se a edição de estampas para todos os ramos de ensino, para as crianças poderem por si mesmas fazer os seus livros escolares (livros da vida). Se se podesse chegar a uma *Standartização* dêsses materiais, o dinheiro não faltaria.

Ainda sôbre as dificuldades que surgem em volta da documentação, propõe-se uma documentação directa e uma documentação indirecta. Propõe-se também uma associação internacional para o ensino do desenho e da decoração, e outra para os *Kindergasten*.

Para se resolver o trabalho em tórno da documentação de estudo e material, que vem de cada país, lembra-se o utilizar os estudantes estrangeiros no Instituto João Jacques Rousseau.

Por fim, o Dr. Pierre Bovet recapitulou tudo quanto apresentou o secretariado e os trabalhos da assemblea com as suas principais sugestões e directivas, o que tudo podemos resumir, pelo mais importante, no seguinte :

— Continuar o esforço para a cooperação e federação de tôdas as associações nacionais que se ocupam de educação, segundo os modernos princípios ; tratar do questionário proposto sôbre Educação Moral pelo Dr. Gould.

— Formação das comissões nacionais.

— Sôbre o boletim ou revista em várias línguas, procurar-se há fazer uma separata de uma revista, de preferência inglesa, que se preste a publicar o que se refere à vida do C. I. E.

— Publicar um anuário, investigações e monografias no mais estreito e possível contacto com os governos. Primeiro, para os países novos ; depois para os de línguas pouco conhecidas (Escandinávia, etc.) e, por fim, para os países mais afastados.

— Promover cursos normais sôbre a Sociedade das Nações e sôbre a Cooperação Intelectual, combinando-os com os cursos de férias de S. N.

Além do trabalho pròpriamente da Assembleia geral do C. I. E., houve ainda três importantes conferências : uma de M.<sup>me</sup> Jecouline sôbre a *Situação das escolas dos refugiados russos nos diversos países da Europa* ; outra de M.<sup>me</sup> Radlinska sôbre

a *Polónia e as suas crianças — a obra de assistência*; e outra de M. Gould sôbre as *Tarefas morais de um Centro Internacional de Educação*.

Qualquer destas conferências seria assunto para interessantes artigos, pela grande cópia de dados que forneceria sôbre factos e experiências interessantíssimas; mas não tenho direito a tornar-me mais extenso, e termino, recordando a última nota de arte e beleza com que se encerraram os trabalhos e nos dispersamos: o Côro Bakulê, de que já falamos ao relatar o congresso de Locarno, veio também, por motivo da nossa Assembleia, e por iniciativa do B. I. E., a Genebra, dar um concêrto num teatro da cidade.



Quando remeti para a *SEARA NOVA* o artigo de Sweetser, sôbre o congresso de Locarno e que veio publicado no n.º 113, considerava ainda apenas temporária a suspensão da *EDUCAÇÃO SOCIAL*. Só mais tarde tive conhecimento de que ela terminara definitivamente a sua publicação.

A *SEARA NOVA*, considerando perfeitamente dentro da sua orientação os princípios que a «Liga Internacional da Educação Nova» (New Education Fellowship) defende, teve a gentileza de se prestar a publicar nas suas colunas o que a estes assuntos dissesse respeito, ficando a meu cargo a respectiva secção.

Transitando portanto para a *SEARA* a actividade que estava exercendo na *EDUCAÇÃO SOCIAL*, começo desde já por publicar o relatório que para esta revista escrevera sôbre Locarno.

Bem sei que a *SEARA*, pela sua índole especial de combate e de crítica, e não limitando unicamente a sua acção ao campo educativo, não poderá ser o órgão oficial da Liga entre nós, mas sim um poderoso auxiliar amigo, para criar o ambiente necessário para num futuro próximo se poder organizar em Portugal não só uma *forte secção nacional da Liga*, como uma publicação periódica exclusivamente dedicada ao assunto.

A *SEARA NOVA*, com a sua larga expansão, terá ocasião de fazer, em outros meios, o que já entre o professorado primário está fazendo a *REVISTA ESCOLAR*, superiormente dirigida pelo Dr. Faria de Vasconcelos, um nome bem conhecido entre os amigos da Educação Nova.

Far-se há a mesma obra comum de propaganda e divulgação do que, por esse mundo, se vai apresentando de novo para resolver os mil problemas que com a educação se ligam.

Deve ainda notar-se que algumas referências que faço perderam a actualidade. Este relatório, que devia ser publicado em Novembro de 1927, só termina realmente a sua publicação em Maio de 1928.

ÁLVARO V. LEMOS



ÊSTE LIVRO FOI IMPRESSO NAS  
OFICINAS GRÁFICAS DO « JOR-  
NAL DA EUROPA », NA RUA DO  
SÉCULO, 150, LISBOA, NO MÊS  
DE MAIO DE 1928, TENDO SIDO  
COMPOSTO NA TIPOGRAFIA DA  
« SEARA NOVA »









3

Sihi